

# A CONSTRUÇÃO DA SORORIDADE NOS DISCURSOS DA REVISTA AZMINA

## BUILDING OF SISTERHOOD IN THE DISCOURSES OF JOURNAL AZMINA

Liliane M. M. MACHADO<sup>1</sup>

Aline da Silva SCHONS<sup>2</sup>

Laila Caroline Silva de MELO DOURADO<sup>3</sup>

Universidade de Brasília | Brasil

### Resumo

O artigo promove a análise de discurso da revista on-line *AzMina*, concentrada na sororidade. Observamos como os discursos jornalísticos, assumidamente construídos a partir de uma perspectiva feminista, ressignificam um tema polêmico para as feministas quanto a sororidade. Como aporte teórico elegemos as teorias feministas e de gênero, da comunicação e do jornalismo. Como metodologia optamos pela Análise de Discurso de vertente francesa. O corpus selecionado inclui dez textos que evidenciaram três formações discursivas: Sororidade como estratégia de combate à estrutura social violenta; Sororidade como estratégia de desnaturalização de estereótipos: inveja, rivalidade e falsidade entre mulheres; e Sororidade como estratégia feminista prática. As publicações rompem com o senso comum que sustenta a ideia da desunião das mulheres, e o fazem desconstruindo de forma crítica as estruturas sociais que sustentam a lógica patriarcal.

### Palavras-chave

Jornalismo; Sororidade; AzMina; Análise de discurso; Estudos feministas e de gênero.

### Abstract

The present article aimed to analyze the discourse of the online journal *AzMina*, focusing on the sisterhood. The focus of our analysis was to observe how journalistic discourses openly built from a feminist perspective redefine sisterhood, one controversial topics among feminist. Theoretical background included feminist, gender, communication, and journalism theories. The methodological approach of the study was French discourse analysis. The study sample consisted of ten written productions. Three discursive formations were observed among these productions: Sisterhood as a strategy to fight against the violent social structure; Sisterhood as a strategy to denaturalize stereotypes about the relationship between women: envy, rivalry, and falsehood; and Sisterhood as practical feminist strategy. The analyzed publications were found to go against common sense arguing for women's lack of unity by critically deconstructing social structures that support patriarchal logics.

### Keywords

Journalism; Sisterhood; AzMina; Discourse analysis; Feminist and gender studies.

RECEBIDO EM 30 DE AGOSTO DE 2019  
ACEITO EM 10 DE OUTUBRO DE 2019

<sup>1</sup> JORNALISTA. Doutora e Mestra em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professora titular do PPGCom FAC/UnB. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Contato: prof.liliane@globocom.com.

<sup>2</sup> JORNALISTA. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo e em Administração pela UCB. Mestra em Comunicação pela UnB. Contato: alineschons31@gmail.com.

<sup>3</sup> JORNALISTA. Mestranda em Comunicação pelo PPGCOM-FAC/UNB. Bolsista CAPES. Orientada pela Dra. Liliane Machado. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFG. Contato: lailamelomelo2012@gmail.com.

## Introdução

Quando observarmos as redações jornalísticas brasileiras, espaços que produzem discursos simbólicos de poder, percebemos que as mulheres ocupam apenas 30% dos cargos de liderança. Segundo a pesquisa *Mulheres no jornalismo brasileiro*, realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e a *Gênero e Número* (2017), 86,4% das jornalistas entrevistadas admitem ter passado por, pelo menos, uma situação de discriminação de gênero no trabalho e 73% afirmaram já ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual sobre uma mulher ou mulheres neste espaço. O estudo também evidencia que muitas entrevistadas “se queixam da mentalidade de seus colegas homens, que na sua percepção tendem a banalizar temas como violência doméstica, estupro, feminicídio, discriminação e machismo” (ABRAJI; GÊNERO E NÚMERO, 2017, p. 21).

Márcia Veiga da Silva (2014) alega, ao observar as concepções de gênero dos jornalistas, que jornalismo tem gênero e ele é masculino. De acordo com Silva (2014), isso ocorre, pois as convenções de gênero presentes nos valores culturais e visões de mundo estão embutidos na subjetividade das/dos jornalistas. Stuart Hall (2016), por sua vez, argumenta que as escolhas dessas/es profissionais consideram o que elas/eles entendem sobre a sociedade e como ela funciona, guiada/os por “mapas culturais”. Assim, ainda segundo Silva (2014), se o gênero masculino é o referencial da sociedade, e as/os jornalistas “leem” o mundo dessa forma, a perspectiva masculina, heteronormativa, branca, cisgênero, por exemplo, será o padrão do discurso jornalístico.

Porém, tal realidade tem gerado contra-discursos. No Brasil, destacamos um veículo de comunicação on-line, com viés autodeclarado independente e feminista: a revista *AzMina*<sup>4</sup>. Ela possui mais de 130 mil

---

<sup>4</sup><https://azmina.com.br/>

seguidoras/es<sup>5</sup> no Facebook e já angariou prêmios nacionais e internacionais sobre os quais nos deteremos posteriormente. A proposta deste artigo situa-se na interface entre o jornalismo e gênero. É a partir desse imbricamento que se busca analisar como os discursos jornalísticos assumidamente construídos com base em uma perspectiva feminista por suas/seus produtoras/es, ressignificam um tema polêmico para as teóricas e ativistas feministas, a sororidade<sup>6</sup>. A noção abrange a busca por combater o senso comum de que as mulheres são, naturalmente, rivais umas das outras e, concomitantemente, almeja estabelecer uma relação de aliança entre elas. Dessa forma, tentaremos compreender como um veículo assumidamente feminista apresenta e discute a temática da sororidade. Para responder a essa pergunta, selecionamos dez textos<sup>7</sup> sobre a temática, publicados pela revista on-line.

A fundamentação teórica tem o papel de dar o contorno à análise e para tanto elegemos as teorias feministas e de gênero, teorias da comunicação e do jornalismo para auxiliar-nos. Em consonância com a necessidade de valorizar criticamente as práticas discursivas jornalísticas, como proposta metodológica, optamos pela Análise de Discurso (AD) de vertente francesa, já que ela permite-nos observar a materialidade discursiva por meio da análise da relação que se estabelece entre língua, poder e história. Interessa-nos compreender como a sororidade é discutida, qual a importância que lhe é atribuída e em quais situações ela é aventada. Supomos que os assuntos relacionados à sororidade trarão novas representações a respeito da relação entre mulheres, em especial, o combate à rivalidade.

---

<sup>5</sup>@revistaazmina. A referência é de julho de 2019.

<sup>6</sup> O detalhamento do conceito de sororidade será trazido a seguir. De antemão, adotamos sororidade a partir da concepção de bell hooks (2018) que a utiliza como um sinônimo de aliança entre mulheres.

<sup>7</sup>A forma de seleção será evidenciada na descrição dos procedimentos metodológicos.

## **Caminhos teóricos: o que nos norteia**

Michel Foucault (1999) afirma que em todas as sociedades a produção discursiva é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que “têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1999, p. 8-9). Dessa forma, as práticas discursivas estão associadas ao poder e ao conhecimento, o que, a nosso ver, é bastante perceptível no caso do jornalismo. A produção do jornalismo também é compreendida por nós como uma forma de pedagogia, por atribuirmos às mídias possibilidades de impactar a formação das identidades dado que elas “contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e o que desejar – e o que não” (KELLNER, 2001, p. 10). Com esta perspectiva, imputamos ao jornalismo à capacidade de produzir significações culturais.

Optamos pela caracterização de cultura apresentada por Stuart Hall (2016), que afirma que ela trata do compartilhamento de significados entre membros de um mesmo grupo ou sociedade e esse intercâmbio ocorre através da linguagem. Entender esses significados é necessário, pois eles não estão somente em nossas mentes, “organizam e regulam nossas práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos” (HALL, 2016, p. 20).

A prática jornalística inclui representações sociais acerca das mulheres e dos homens bem como expectativas (papéis sociais) que a elas e eles estão vinculadas, tais como a de rivalidade entre mulheres e a aliança entre homens. De acordo com Denise Jodelet (2001), criamos representações porque precisamos compreender o mundo. Observá-las é importante, visto que elas circulam nas práticas discursivas, além de estarem associadas tanto a “sistemas de pensamento mais amplos, ideológicos ou culturais, a um estado dos conhecimentos científicos, quanto à condição social e à esfera da experiência privada e afetiva dos indivíduos” (JODELET, 2001, p. 21).

Ao tomarmos o jornalismo como produtor de significados, estamos admitindo que ele também participa da construção de gêneros<sup>8</sup>. Para Tereza Lauretis (1994), representar o gênero é também construí-lo. Além disso, existem discursos e instituições socioculturais “dedicados à produção de homens e mulheres” (LAURETIS, 1994, p. 228-229) que atuam como tecnologias de gênero. Apesar de compreendermos que Lauretis formula o conceito de tecnologia de gênero para observar o cinema, inferimos, assim como Machado (2006), que essa possibilidade estende-se ao jornalismo bem como a outras mídias. Guacira Lopes Louro (1997) afirma que somos atravessados por discursos que são “generificados”, mas que também nos “engendram”. Dessa forma, observamos que o jornalismo é um lugar de circulação e produção de sentidos. Seguimos, assim, a percepção de Louro (1997) de que é no campo social que serão construídas e reproduzidas as relações desiguais entre os sujeitos.

As justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p. 22).

Porém, essa formulação de identidades por meio dos discursos midiáticos não ocorrerá sem resistência. Para Kellner, a mídia torna-se um terreno de disputa, no qual grupos sociais com “ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia” (KELLNER, 2001, p. 10-11). Nesse sentido, ressaltamos que, na concepção de Foucault (1999), o exercício do poder sempre se dá entre sujeitos que são capazes de resistir e é esse movimento que buscaremos observar no veículo analisado.

---

<sup>8</sup>Joan Scott (1989) define gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças entre os sexos e como uma primeira forma de significar as relações de poder. Para ela, o gênero é composto por quatro elementos que funcionam de maneira articulada, mas não obrigatoriamente ao mesmo tempo; símbolos sociais, conceitos normativos, instituições e organizações sociais e a identidade subjetiva de cada sujeito. Ainda conforme Scott (1989), a articulação desses elementos comporá papéis, crenças, valores e relações de poder. Assim, a definição de sexo não se aplica ao gênero, pois, o primeiro diz respeito a características biológicas, já o segundo pressupõe uma relação entre sexos, comportamento e sociedade.

## Jornalismo alternativo e feminista

É necessário distinguir a imprensa que ficou conhecida como “feminina” da “feminista”. Segundo Buitoni (1990), o que diferencia os dois gêneros é o sentido político do segundo, o qual é engajado na busca pelos direitos das mulheres. Já o primeiro, embora possa incluir elementos do segundo tipo, caracteriza-se pelo incentivo ao individualismo e por tratar de “amenidades, esclarecimentos, serviço, entretenimento” (BUIIONI, 1990, p. 11) e tem “moda, beleza, culinária, decoração” (BUIIONI, 1990, p. 13) como conteúdos recorrentes.

Buitoni (1990) conta que os primeiros periódicos feministas de que se tem notícia surgiram na Europa, no início dos anos 1800. No Brasil, O Sexo Feminino, publicado pela primeira vez em 1873 (misto de imprensa feminina e feminista), idealizado por Francisca Diniz, foi um dos pioneiros. O direito à educação estava entre as principais reivindicações do periódico. Para Buitoni (1990), no século seguinte, a pauta mais notória foi a luta pelo voto, no entanto, a imprensa feminista passou por um momento de recuo. Dessa forma, nas primeiras décadas do século XX, foi na imprensa anarquista que as reivindicações feministas encontraram algum espaço.

Somente na década de 70, é que surge uma imprensa feminina mais reivindicatória, decorrência das contradições urbanas e sociais aumentadas pelos anos de ditadura. Até então, havia uma ou outra manifestação feminista, mas sempre dentro da grande imprensa (BUIIONI, 1990, p. 54).

Assim, com a explosão de publicações alternativas nos anos 1970, que buscavam fugir da censura que assolava informativos hegemônicos, foram criados alguns periódicos feministas, como Brasil Mulheres (1975-1980) e Nós Mulheres (1976-1978). Em 1981, também surgiu o Mulherio (1983-1988), vinculado a pesquisadoras acadêmicas e, inicialmente, à Fundação Carlos Chagas.

Graças à ditadura militar de 1964, o conceito de ‘alternativo’ ficou associado a uma posição antigovernista generalizada. Mas levando-se em conta a relação ideológica da imprensa com os grandes grupos financeiros, capitalistas e com as tradicionais oligarquias do mundo agrário brasileiro, é necessário modalizar o

conceito, ampliando-o. Na história brasileira os frequentes 'alternativos' seriam jornais que se oporiam ou se desviariam das tendências hegemônicas na imprensa convencional brasileira, que esta pretende tornar hegemônicas no país (MARTINS; LUCA, 2012, p. 159).

Era o caso dos jornais feministas mencionados, que “[...] deram cobertura a assuntos até então desprezados pela grande imprensa. Periferia, sindicatos, creche, direitos trabalhistas da mulher, custo de vida eram pontos importantes na pauta” (BUITONI, 1990. p. 55). Dessa maneira, eles não tinham, necessariamente, um viés de oposição ao governo, mas traziam à tona assuntos relacionados aos interesses das mulheres, os quais dispunham de pouco ou nenhum espaço na imprensa tradicional, e até mesmo em outros veículos alternativos. É esse conceito de alternativo que associamos aos veículos feministas de hoje.

### Revistas on-line

De acordo com Maingueneau, cada gênero discursivo possui a própria forma de “tratar a multiplicidade das relações interdiscursivas” (MAINGUENEAU, 2013, p. 62). O veículo em questão, *AzMina*, apresenta-se como uma revista de publicação on-line<sup>9</sup>. De acordo com Graciela Natansohn *et al* (2013), as revistas são direcionadas a um público específico e destacam-se pelas estratégias visuais. Ainda segundo os autores, a “segmentação temática e a periodicidade não atrelada à urgência informativa, o que permite a instauração de práticas profissionais e de relação com seu público bastante peculiares” (NATANSOHN *et al*, 2013, p. 11).

A partir da década de 1990, como destaca Luís Mauro Sá Martino, as mídias digitais e a internet passaram a integrar nossos cotidianos, “não apenas no uso de computadores, mas também, em um segundo momento, em celulares, smartphones e outros equipamentos” (MARTINO, 2014). De acordo com Martino, o conceito de mídias digitais e outros como novas

<sup>9</sup>Disponível em: <https://azmina.com.br/sobre/quem-somos/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

mídias, novas tecnologias e expressões derivadas, buscam diferenciar os meios de comunicação de massa ou mídias analógicas dos meios eletrônicos. Nas mídias digitais, o “suporte físico praticamente desaparece, e os dados são convertidos em sequências numéricas ou de dígitos [...]” (MARTINO, 2014). *AzMina* está inserida nesta perspectiva de novas mídias, uma revista de publicação on-line, e, neste sentido, Natansohn (2013) alerta que o gênero revista está em transformação.

À forma de distribuição tradicional (impressa) somam-se versões on-line e outras para dispositivos móveis, sem falar dos novos títulos que não cessam de aparecer na web, com formatos, interfaces e design dos mais diversos e em constante renovação. Note-se que sequer há uma denominação comum para estes produtos, no momento em que o gênero se digitaliza [...] (NATANSOHN, 2013, p. 7).

Maigneueneau avalia que o “suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero de discurso [...]” (2013, p. 74-75). Marcelo Freire (2013) denomina as revistas digitais como publicações que se sustentam, no aspecto editorial, sem a presença de impressos e que faz uso das potencialidades do suporte digital em sua estrutura interna. Além disso, as revistas digitais agregam características das versões analógicas, mas com modificações:

[...] consideramos as produções que tratem em seu conteúdo, com informação em profundidade, proximidade com leitor, ênfase no aspecto visual; e na sua materialidade sejam móveis e colecionáveis. Essas características têm que ser inseridas no contexto das mídias digitais vinculadas, principalmente a hipertextualidade, multimidialidade e interatividade (FREIRE, 2013, p. 54).

As novas características de que fala o autor podem ser observadas na revista *AzMina*, como veremos a seguir.

## ***AzMina***

O veículo se auto declara independente e feminista e expõe esse posicionamento nas páginas em que se apresenta em seu site. É necessário ressaltar que *AzMina* foi lançada após campanha de arrecadação de fundos; além de não utilizar a venda de publicidade como forma de se manter, mas



sim financiamento coletivo virtual. Também realiza outras atividades para além do jornalismo, como assessoria a empresas.

A revista define-se da seguinte forma: “Para nós, o feminismo é levado tão a sério quanto o guia da nova ortografia”, ressalta Nana Queiroz (2017)<sup>10</sup> jornalista, fundadora e diretora da revista. Ela afirma que quis materializar o sonho de trabalhar em um lugar que não existia. A idealizadora da revista ainda afirma que o machismo está nas redações e “saindo delas para o mundo a cada clique. E nós precisamos acreditar que podemos fazer parte da solução” (QUEIROZ, 2017). Por fim, a diretora ainda ressalta que *AzMina* foi criada para suprir um desequilíbrio de poderes de gênero dentro das redações.

Meu sonho é que a *Revista AzMina* não precise mais existir. Isso porque todo jornalismo do Brasil e do mundo deveria ser feminista. [...] Estou falando é de feminismo incorporado nas consciências como algo tão natural quanto a ideia de que matar é errado (QUEIROZ, 2017).

Criada em 2015, a *AzMina* “é uma publicação online e gratuita para mulheres de A a Z. Nela, há jornalismo investigativo acessível, de qualidade<sup>11</sup>”. O veículo é mantido pela *AzMina*, uma instituição sem fins lucrativos. A revista assume como missão a promoção da “equidade de gênero por meio da informação e da educação, considerando especificidades de raças, classe e orientação sexual”. Entre os valores apresentados estão: diversidade, “o compromisso de trazer para o debate público vozes de diversas raças, classes, ideologias, orientações sexuais e gêneros”; e linguagem — “Simplificamos ao invés de complicar”.

O feminismo é evidenciado na linha editorial. “Sim, nós somos feministas. [...] Na verdade, achamos que todos os veículos jornalísticos deveriam ser. Porque ser feminista quer dizer que acreditamos que homens e mulheres devem ter direitos iguais”. A revista acredita que para mudar o mundo é preciso modificar a representação das mulheres pela mídia. “Aqui

<sup>10</sup>É criadora do protesto “Eu Não Mereço Ser Estuprada” e escreveu os livros “Você já é feminista: abra este livro e descubra o porquê” e “Presos que Menstruam”.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/sobre/quem-somos/>. Acesso em: 20 jul. 2019.

você nunca vai ver: Mulher ser culpada pela violência sofrida; Homofobia e racismo; Reprodução de padrões estéticos e de beleza; Estereótipos de gênero”. *AzMina* possui editorias que vão desde Política até Esportes, além de buscar a discussão dos feminismos, maternidade e sexualidade, por exemplo. Nas colunas de opinião recebem artigos de leitoras (Opinião d’*AzMina*,) e discutem temas como maternidade e transexualidade.

Ao longo dos anos, a revista lançou campanhas de conscientização e luta contra o machismo, como o #MachismoNãoÉBrincadeira e #PrecisamosFalarSobreAborto, além de participar da campanha pelo fim da GLOBEZEZA<sup>12</sup>. Já produziu reportagens sobre prostituição, casamento infantil e desamparo nas delegacias da mulher. Com a campanha #VamosMudarOsNúmeros, em 2017, influenciou que, em jogo da Copa do Brasil, o time do Cruzeiro entrasse em campo com camisas que traziam os números da desigualdade de gênero. A revista já recebeu vários prêmios: Prêmio Synapsis FBH de Jornalismo (2016), pela série de reportagens “O Mito do Aborto Legal”, que denuncia as inúmeras dificuldades que as brasileiras enfrentam para ter acesso ao aborto legal; Troféu Mulher Imprensa (2017), como o melhor projeto jornalístico; Prêmio Glamour (2018), da Revista Glamour, na categoria Agitadoras Digitais. *AzMina* também já publicou o livro “Você já é feminista” (2016) e, em março de 2019, lançou o aplicativo “PenhaS” de enfrentamento à violência contra mulher.

## Sororidade

O que o senso comum afirma a respeito da relação entre mulheres? Em geral, que somos rivais umas das outras. Essa rivalidade instaura-se socialmente e possui um repertório imagético que alimenta esse sentimento de desconfiança. Para Lagarde y de Los Rios (2006), aprendemos essa

<sup>12</sup> GLOBEZEZA é o nome dado à cobertura do carnaval feita pela Rede Globo e também a denominação atribuída à mulher (negra) que samba nas vinhetas da emissora. A campanha tratava do fim da exposição da mulher, visto que ela era apresentada nua ou seminua com pinturas no corpo.

desunião entre mulheres aos moldes do estilo patriarcal e há, assim, a necessidade de desaprendermos e construirmos uma “aliança entre as mulheres a partir de uma posição política de gênero” (LAGARDE Y DE LOS RIOS, 2006, p. 124, tradução nossa). Ainda de acordo com a autora, as mulheres têm criado pactos umas com as outras e com eles uma linguagem, com o intuito de unir forças.

Desde a década de 1970, feministas de origens diversas têm utilizado como referência à irmandade/fraternidade/solidariedade entre mulheres o termo “sororidade” (português) como: sororidad e soridad (espanhol); sisterhood (inglês); sororità (italiano); sororité (francês), por exemplo. Destaque-se o fato de que em breve pesquisa por dicionários de língua portuguesa não encontramos o termo “sororidade”, apenas “fraternidade” (irmandade entre homens) e “irmandade”. Porém, corroboramos com a definição abaixo sobre o que é sororidade.

Sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações políticas e saudáveis, na construção de alianças existencial e política com outras mulheres, para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher (LAGARDE Y DE LOS RIOS, 2006, p. 123, tradução nossa).

Apesar de criado e reconhecido pelo movimento feminista, a sororidade recebe críticas por ser entendida como um conceito que tende a universalizar a noção de mulher, como se não houvesse diferença de classe, raça, etnia e orientação sexual, por exemplo, entre elas. Uma das críticas é elaborada por bell hooks (1984) que argumenta que a sororidade não foi vista pelas feministas negras como uma conquista revolucionária pela qual as mulheres fossem trabalhar e lutar, mas como uma ideia de libertação ancorada em uma “opressão comum”. Segundo ela, essa concepção foi baseada em um feminismo branco e burguês, um programa que ela caracteriza ser “falso e corrupto”, que mascara e confunde a realidade diversa e complexa das mulheres. Ao mesmo tempo, hooks (1984) reconhece que a opressão sexista está diretamente ligada à racista no

ocidente. Dessa forma, hooks prefere referir-se à sororidade não como “apoio” entre mulheres, mas como uma “aliança” entre elas que deve considerar o entrelaçar de gênero, raça e classe.

Por este mesmo ângulo, a brasileira Vilma Piedade (2017) faz uma reflexão sobre a noção pela perspectiva do feminismo antirracista e, assim, elabora o conceito de dororidade.

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados... (PIEADADE, 2017, p. 17).

De qualquer modo, assim como hooks (1984), compreendemos que a sororidade pode e deve ser incentivada, desde que reconheça as diferenças existentes entre as mulheres, o que só ocorre quando estamos atentas à interseccionalidade<sup>13</sup> das opressões. Mais do que isso, é preciso combater o que ainda gera hierarquias sociais, inclusive entre as mulheres, que estão longe de ser uma categoria homogênea.

## **Análise do Discurso**

Para a Análise do Discurso (AD), metodologia adotada neste trabalho, até as mais simples palavras que cruzam nosso cotidiano chegam até nós carregadas de sentidos. Mesmo sem percebermos como eles foram construídos, os sentidos “significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2015, p. 18). Fundamentada no imbricamento de três correntes teóricas – materialismo histórico, linguística e psicanálise –, a AD francesa observa a materialidade discursiva com vistas a compreender a construção do objeto (MAINGUENEAU, 1997). Para Orlandi (2015), o texto é a parte tangível de

<sup>13</sup> A interseccionalidade problematiza a categorização universal dos sujeitos, que não considera as várias marcas identitárias que cruzam os indivíduos e indivíduos e, dessa forma os constitui. A proposta, assim, é cruzar diversas categorias para observar particularidades, como raça, classe e gênero, posição defendida por bell hooks (2018). Segundo Breny Mendonça (2015), as raízes das análises interseccionais são das teóricas feministas negras dos Estados Unidos, que defendiam o fim do sistema de escravidão, no início do século XIX, que destacavam as relações complexas entre raça, classe, gênero e expropriação. O termo é atribuído a Kimberlé Crenshaw que buscou revelar o fracasso dos tribunais dos Estados Unidos em reconhecer a discriminação baseada em raça e gênero (MENDONÇA, 2015).

um processo complexo iniciado em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário. Apesar de a AD considerar a língua e a gramática, ela tem como foco a observação do discurso.

E a palavra *discurso*, etimologicamente, tem em si a idéia de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2007, p. 15).

Se a Análise de Discurso examina o ser humano falando, a noção de discurso é distanciada do esquema elementar da comunicação de emissor, receptor, código, referente e mensagem. Como ressalta Orlandi (2015), o discurso é o efeito de sentido entre locutores, e durante ele, ocorre a constituição desses sujeitos e a produção de significados, pois, para a AD, interpretamos a todo o momento, mesmo ao falarmos. Por este ângulo, é necessário frisar que existem formas controladas de interpretação que estão historicamente determinadas (ORLANDI, 2015). Neste sentido, a análise busca as formações discursivas (FDs), noção que Maingueneau atribui a “todo sistema de regras que funda a unidade de um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscritos” (2001, p. 68). Orlandi (2007) afirma que a análise considera os aspectos socioideológicos da produção discursiva. A pretensão é localizar de onde o sujeito fala e a partir de quais tensões sociais o discurso é concretizado, e por isso, o analista associa o contexto com as condições de produção do texto. Dessa forma, observa Orlandi (2007), podemos afirmar que é na convergência entre ideologia, história, sujeito e discurso que a análise de discurso é elaborada.

Analisamos os significados sobre a ideia de sororidade apresentados pela revista *AzMin*a que se autodeclara feminista. Para a construção do corpus, procuramos pelo termo “sororidade”, no dia 29 de junho de 2019, no site da revista, sem limitação de tempo inicial para a pesquisa. Como resultado, o termo foi encontrado em 30 publicações. Após a leitura

flutuante<sup>14</sup> das matérias, recortamos o corpus a partir de dois critérios: a sororidade como enfoque principal do texto ou com destaque no título. A seleção também pelo título se deu ao percebermos que a revista publica textos do gênero opinativo e, em alguns casos, apesar das autoras não apresentarem a abordagem da sororidade como principal temática, há enfoque do tema no título. Após esses procedimentos, montamos um corpus de dez textos (seis opinativos e quatro informativos), publicados entre 2015 e 2018. Depois da leitura atenta dos textos escolhidos, as principais FD encontradas, e que serão analisadas abaixo, foram: 1) Sororidade como estratégia de combate à estrutura social violenta; 2) Sororidade como estratégia de desnaturalização de estereótipos: inveja, rivalidade e falsidade entre mulheres; e 3) Sororidade como estratégia feminista prática.

## Sororidade como estratégia de combate à estrutura social violenta

Nesta FD, encontramos quatro publicações sobre o tema, conforme disposto no quadro 1:

**Quadro 1:** Publicações analisadas na FD Sororidade como estratégia de combate à estrutura social violenta

TÍTULO	AUTOR/A	DATA
Também há inveja entre feministas – e temos que falar sobre isso (coluna) <sup>15</sup>	Stephanie Ribeiro	27/11/15
14 festivais feministas de música pra você ficar de olho em 2017 (coluna) <sup>16</sup>	Hard Grlls <sup>17</sup>	21/12/16
#UmaMinaAjudaAOutra: Se nos unirmos neste Carnaval, assédio não vai ter vez (reportagem) <sup>18</sup>	Amanda Negri	05/02/17

<sup>14</sup>A leitura flutuante é uma técnica usada por analistas da AD para vislumbrar, em um primeiro momento, o que o corpus pode apresentar. Nesse caso, ela foi utilizada para limitar o que seria analisado.

<sup>15</sup>Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/tambem-ha-inveja-entre-feministas-e-temos-que-falar-sobre-isso/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

<sup>16</sup>Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/retrospectiva/>. Acesso em: 4 ago. 2019. Observação: inserimos os links das fontes apenas na primeira aparição da publicação.

<sup>17</sup>Inicialmente um zine, tornou-se portal e festival posteriormente. Hoje está inativo. Disponível em: <https://azmina.com.br/author/hard-grrrls/>. Acesso em: 4 ago. 2019.

<sup>18</sup>Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/umaminaajudaaoutra-se-nos-unirmos-neste-carnaval-assedio-nao-vai-ter-vez/>. Acesso em: 28. ago. 2019.

'Num baile, fomos cercadas. E, por medo e culpa, nos calamos' – #UmaMinaAjudaAOutra (coluna) <sup>19</sup>	Equipe AzMina	05/02/17
Sobre maternidade e Bolsonaro – e as mulheres que estão na trincheira comigo (coluna) <sup>20</sup>	Tainá Leite	14/11/18

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, a partir de *AzMina*

São enunciados que, de forma geral, indicam que a sororidade pode ser utilizada como estratégia de combate não apenas às violências físicas e psicológicas sofridas por mulheres, incluindo assédio e relacionamentos abusivos, mas também como enfrentamento à estrutura social (patriarcal, desigual, machista e sexista) que permite que isso continue ocorrendo e que gera insegurança, culpa e medo.

A partir das reflexões de Saffiotti (2009), podemos definir patriarcado como a dominação social masculina, que sustenta as hierarquias e desigualdades de gênero e que se presume natural e universal, ainda que haja variações sociais, culturais e temporais. Nesse sentido, haveria um:

[...] pacto masculino para garantir a opressão de mulheres. As relações hierárquicas entre os homens, assim como a solidariedade entre eles existente, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres (HARTMANN, 1979a, apud SAFFIOTTI, 2009, p. 10).

Saffiotti (2009) contesta a defesa anti-histórica de que as sociedades sempre foram patriarcais, já que esta levaria em conta apenas os milênios mais recentes, e não nega que essa ordem ainda existe e que continua produzindo efeitos nas relações sociais: "Se na Roma antiga o patriarca tinha direito de vida e morte sobre sua mulher, hoje o femicídio<sup>21</sup> é crime capitulado no Código Penal" (SAFFIOTTI, 2009, p. 11). Ela considera o patriarcado como um dos eixos dos estudos de gênero, talvez, o mais abrangente. A autora ainda indica que poder, controle (intimamente ligado à

<sup>19</sup>Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/num-baile-fomos-cercadas-e-por-medo-e-culpa-nos-calamos-umaminaajudaaoutra/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/maternidade-e-bolsonaro/>. Acesso em: 11 out. 2019.

<sup>21</sup> A autora utiliza o termo femicídio, e não feminicídio. Segundo a ONU (2013), não existe unanimidade quanto à definição e distinção das duas palavras. Muitas vezes são entendidas como sinônimas, equivalentes à "morte violenta de mulheres por razão de gênero".

violência) e medo compõem a base essencial do regime. Tais conceitos perpassam as relações sociais de forma geral – atingindo, inclusive, o Estado – e ajudam a perpetuar *o status quo*. Há, assim, uma permissão implícita para que essas violências continuem acontecendo.

[...] a máquina funciona até mesmo acionada por mulheres. Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo (SAFFIOTTI, 2009, p. 7).

A ordem patriarcal é alimentada pelas pessoas e instituições. As notícias são produzidas por pessoas (jornalistas), que também fazem parte de instituições. O produto das instituições jornalísticas, fundamentalmente a notícia, passa por diversos mecanismos de adequação e coerção, como os próprios valores-notícia, que, segundo Tuchman (1983), entre normas organizacionais e subjetividades dos jornalistas, são determinantes para tornar determinados assuntos públicos, dar a eles mais ou menos destaque e até mesmo impor um estilo de abordagem – a autora aponta como exemplo a cobertura jornalística do movimento feminista estadunidense dos anos 1960, que era considerado de interesse apenas das mulheres e, portanto, em um ambiente de trabalho predominantemente masculino, menos importante. Ou seja, esses mecanismos também são afetados e afetam as relações de gênero, incluindo o ordenamento patriarcal.

O jornalista é parte da sociedade em que está inserido, partilhando com estas visões de mundo que o ajudam a estabelecer padrões de normalidade e anormalidade, certo e errado, e que fornecem, portanto, parâmetros que o ajudam a definir o que é ou não notícia, e que de modo geral se aproximam dos valores dominantes e normatizadores da sociedade (SILVA, 2014, p. 70).

Como Silva (2014) afirma, a mídia também possui um papel pedagogizante e o gênero atribuído a ela, o que a norteia, segundo a pesquisa da autora, é o masculino. Mas, neste artigo, não estamos interessadas em analisar as mídias tradicionais, como fez Silva. Pelo contrário, como já explicado, optamos por avaliar uma revista feminista,



alternativa e independente, em pautas que abordam um tema tipicamente feminista: a sororidade. Ou seja, analisaremos um espaço que possui uma linha editorial contra-discursiva (já que potencialmente aborda temas e apresenta vieses que não são explorados, ao menos com profundidade, nas mídias tradicionais) e que, por isso mesmo, nos interessam.

Ao nos determos, de maneira minuciosa, nas publicações que integram esta FD, observamos, por exemplo, que a coluna *14 festivais feministas de música pra você ficar de olho em 2017* aborda a ideia de combate à estrutura social violenta (patriarcal) no trecho<sup>22</sup>: “Esse festival emergiu como um grito pela desconstrução do machismo em sintonia com as manifestações humanas”. Chama a atenção a expressão “desconstrução do machismo” porque justamente vai de encontro à ideia de que haveria uma hierarquia natural entre gêneros. Além do mais, o termo “grito” dá ainda mais ênfase à negação proposta. Difícil disfarçar um grito. Por outro lado, mais adiante, o texto também relaciona os festivais ao combate da violência contra mulheres homossexuais: “A festa é exclusiva para mulheres e foi iniciada mediante a falta de lugares exclusivos e seguros para lésbicas e bissexuais se divertirem e se entrosarem”. O “grito”, assim, também pode ser interpretado como um ato desesperado e/ou corajoso, diante do medo da violência.

Os enunciados de combate à violência estrutural são encontrados ainda na reportagem *#UmaMinaAjudaAOutra: Se nos unirmos neste Carnaval, assédio não vai ter vez*:

Diariamente nos vemos expostas a situações de assédio, medo e violência simplesmente por sermos mulheres. O Brasil é o quinto país em que mais mulheres são assassinadas no mundo e, por aqui, acontecem mais de meio milhão de estupros anualmente. Agressões cuja culpa, frequentemente, é colocada sobre a mulher por causa de uma cultura que nos educa a pensar assim: roupa muito curta, estava bêbada, estava querendo, ela dá pra qualquer um, e por aí vai... (NEGRI, 2017)<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> Seleccionamos os exemplos mais relevantes para cada FD.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/umaminaajudaoutra-se-nos-unirmos-neste-carnaval-assedio-nao-vai-ter-vez/>. Acesso em: 28. ago. 2019.

Aqui, novamente, a ideia de uma construção (cultural) da violência é observada, cultura que também acaba levando à culpabilização das vítimas — as próprias mulheres se culpam, e esse aspecto também é bastante presente nas publicações enquadradas nesta FD, como na coluna 'Num baile, fomos cercadas. E, por medo e culpa, nos calamos' – #UmaMinaAjudaAOutra. O espaço é utilizado para relatar um caso de assédio que aconteceu com uma amiga da colunista quando adolescente, durante o carnaval.

Além do medo, a culpa nos calou, nos impediu de agir no momento em que aconteceu aquela violência. Somos ensinadas a nos 'comportar bem', a nos vestir de forma 'adequada', a nos 'dar ao respeito'. Quando algo dessa gravidade acontece a uma pessoa, ela automaticamente começa a refletir sobre si mesma, e a se questionar qual regra ela própria quebrou [...] (AZMINA, 2017).<sup>24</sup>

A noção da violência como algo estrutural também aparece em: "Eles [pai e mãe], assim como eu, naquela época não entendiam a dimensão social e cultural do machismo, a cultura do estupro, do assédio".

Assim, observamos, por meio da interdiscursividade entre as publicações, que elas se valem da sororidade para refletir, desnaturalizar e tentar desconstruir a estrutura que perpetua a violência e que se repete vigorosamente em outros meios. Se, conforme Orlandi (2009) e Foucault (1999), a interdiscursividade é uma noção que trata da relação entre os discursos, que se dá de forma não transparente, e se estamos todas envolvidas em uma ordem discursiva, é tarefa árdua e de esforço contínuo, mesmo para as mulheres, dissociar-se dela, como Saffiotti (2009) já alertou. É para esse último ponto, que a coluna "Também há inveja entre feministas – e temos que falar sobre isso" aponta. A publicação tem como tema relacionamentos abusivos, mas assume uma perspectiva diferente – já que, geralmente, se fala sobre abusos em relações homem-mulher –, a da amizade, mostrando que também as mulheres, até mesmo as que conhecem muito bem as

<sup>24</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/num-baile-fomos-cercadas-e-por-medo-e-culpa-nos-calamos-umaminaajudaaoutra/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

teorias feministas, podem reproduzir e alimentar a violência, como exemplificado no trecho:

[...] eu sempre colecionei amizades com mulheres e isso não me privou de viver amizades abusivas, mesmo quando essas eram feministas. Fazemos parte de uma sociedade patriarcal e católica, onde é mais fácil 'tutelar', ação que carrega uma opressão e consequente hierarquia, do que ser empático e manter respeito pelas grandes peculiaridades das demais (RIBEIRO, 2015).<sup>25</sup>

Para a autora, não adianta apropriar-se da ideia de sororidade como uma bandeira contra a violência, quando ela ainda é reproduzida dentro do movimento – especialmente quando uma perspectiva interseccional não é levada em conta, já que o patriarcado não funciona da mesma forma para todas as mulheres. Assim, a colunista lembra que o desafio maior talvez seja parar de reproduzir hierarquias também entre nós, já que mudanças verdadeiras só ocorrem quando a teoria encontra a prática, o que parece ser incentivado pelas publicações de *AzMina*, como mostraremos adiante.

Por fim, analisamos ainda nesta FD a coluna “Sobre maternidade e Bolsonaro – e as mulheres que estão na trincheira comigo” porque o texto apresenta um relato, 15 dias após o resultado das eleições presidenciais de 2019, sobre os medos enfrentados pela autora: “Eu sou feminista Eu sou ativista Eu defendo os direitos humanos E eu sou de esquerda E umbandista E sou também mãe. Sou tudo o que o novo governo ataca, ameaça e agride”. Ao mesmo tempo, é na sororidade que a autora relata encontrar forças para lutar contra os retrocessos que espera enfrentar. Segundo ela:

Aí olhei para o lado e vi todas as mulheres incríveis que estão nesta trincheira comigo e quis usar esse espaço para agradecer a todas elas pela energia, força e ânimo que me dão mesmo sem saber. [...] Por me darem a esperança de que o amanhã pode ser melhor e VAI! Eu sempre digo que precisamos escolher nossas batalhas na vida porque não vamos ganhar todas. Mas essa aqui já ganhamos: a batalha da sororidade e de mulheres unidas em prol de um mundo melhor! (LEITE, 2018).<sup>26</sup>

<sup>25</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/tambem-ha-inveja-entre-feministas-e-temos-que-falar-sobre-isso/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/maternidade-e-bolsonaro/>. Acesso em: 11 out. 2019.

O conservadorismo político começou a ganhar mais espaço justamente depois da ascensão da primeira mulher presidenta, do aparecimento de instituições como Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), da visibilidade conquistada por feministas na internet. Hoje, Dilma Rousseff caiu e a SPM está completamente sucateada, muitas das unidades estaduais não existem mais. Faludi (2001) refere-se a esse movimento como *backlash*. Assim, o que ela afirma sobre o contexto dos Estados Unidos dos anos 1980 parece válido para ilustrar o momento atual brasileiro: “Em outros termos, o contra-ataque antifeminista não foi deflagrado pelo fato de as mulheres terem conseguido uma igualdade plena, mas pela mera possibilidade de elas conseguirem atingi-la” (FALUDI, 2001, p. 19). Dessa forma, a vitória do conservadorismo nas eleições 2019 também é uma tentativa de retomar o patriarcado e a violência contra as mulheres. O que a autora da publicação analisada acima propõe é que a sororidade fará a diferença.

## Sororidade como estratégia de desnaturalização de estereótipos: inveja, rivalidade e falsidade entre mulheres

Os enunciados relativos a esta FD não estão dissociados dos anteriores. Pelo contrário, as noções de inveja, rivalidade e falsidade entre as mulheres também são reforçadas pela ordem patriarcal e ajudam a perpetuá-la. E é a esses estereótipos que as publicações analisadas aqui (quadro 2) opõem-se.

**Quadro 2:** Publicações analisadas na FD Sororidade como estratégia de desnaturalização de estereótipos: inveja, rivalidade e falsidade entre mulheres

TÍTULO	AUTOR/A	DATA
Também há inveja entre feministas – e temos que falar sobre isso (coluna)	Stephanie Ribeiro	27/11/15
Elas, sim, entenderam o que é o Dia da Mulher – todo dia (reportagem) <sup>27</sup>	Marjorie Rodrigues	07/03/16

<sup>27</sup>Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/elas-sim-entenderam-o-que-e-o-dia-da-mulher-todo-dia/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

5 lições de feminismo desta temporada de Game of Thrones (reportagem) <sup>28</sup>	Nana Queiroz	28/08/17
'Me dói saber que por vários meses vivi uma relação que envolvia enganar outra mulher' (coluna) <sup>29</sup>	Redação AzMina	27/04/17

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, a partir de AzMina

Na reportagem "Elas, sim, entenderam o que é o Dia da Mulher – todo dia", encontramos os enunciados seguintes:

Dia difícil para as inimigas'. 'Tudo falsiane'. 'Beijo para as recalçadas'. Está na moda colocar as mulheres umas contra as outras – e muitas de nós embarcamos nessa [...]. Tamanha insistência nesse estereótipo não é por acaso. Mulheres desunidas não mudam o mundo. Que tal acabarmos já com isso e sermos mais gentis umas com as outras? (RODIGUES, 2016).<sup>30</sup>

Todos os estereótipos criticados no trecho acima repetem-se em inúmeros meios de comunicação. Há, portanto, uma intensa relação de interdiscursividade, que reforça esse sentido. Podemos citar, por exemplo, a música Beijinho no Ombro (2014), da cantora Valesca Popozuda, que estimula a ideia de rivalidade e utiliza termos como inimigas, recalque e inveja; novelas como Mulheres de areia, com as irmãs Ruth e Raquel, que possui, inclusive, duas versões (1973 e 1993) ou Avenida Brasil (2012, reprisada em 2019), com Carminha e Nina/Rita; e até mesmo as animações infantis reproduzem a noção de rivalidade entre mulheres, como se demonstrou na pesquisa de Machado (2006), quando analisa o desenho Três espãs Demais: "O episódio **Namorado do Mal** é um ótimo exemplo de como o narrador trabalha a rivalidade feminina, insistindo sobre a impossibilidade de companheirismo, particularmente quando um homem está envolvido na história" (MACHADO, 2006, p. 200, grifo da autora).

Assim, observamos a persistência e recorrência desses enunciados, os quais, pela repetição e apagamento da memória discursiva, naturalizam-se e

<sup>28</sup>Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/5-licoes-de-feminismo-desta-temporada-de-game-of-thrones/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

<sup>29</sup>Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/me-doi-saber-que-por-varios-meses-vivi-uma-relacao-que-envolvia-enganar-outra-mulher/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

<sup>30</sup>Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/elas-sim-entenderam-o-que-e-o-dia-da-mulher-todo-dia/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

perpetuam-se. “Charaudeau (1993d) vê no ‘interdiscurso’ um jogo de reenvios entre discursos que tiveram um suporte textual, mas de cuja configuração não se tem memória” (MAINGUENEAU, 2016, p. 286). Ou seja, é também por meio dos esquecimentos que os discursos se fortalecem. No entanto, observamos que a publicação de *AzMina* resgata esses discursos como forma de opor-se a eles e, igualmente, criticá-los duramente.

A competitividade também é contestada na reportagem “5 lições de feminismo desta temporada de *Game of Thrones*”. Nela, encontramos os seguintes enunciados: “Como na série, na vida a competição feminina é a principal estratégia do machismo para nos manter sob controle. [...] Juntas, Sansa e Arya mostram a saída contra o machismo: a sororidade, a união feminina”. E, assim como no último trecho da reportagem acima, há um chamado à união das mulheres, como forma de combater esses estereótipos.

Por fim, encontramos enunciados que, novamente, reforçam a ideia de que até mesmo as mulheres reproduzem os discursos e as atitudes que desejam repelir. Na coluna *Divã D’AzMina*, em “Me dói saber que por vários meses vivi uma relação que envolvia enganar outra mulher”, observamos o enunciado: “Ainda me dói saber que, apesar de todo o meu esforço de exercer a sororidade no dia a dia, por vários meses me permiti viver uma relação que envolvia enganar outra mulher”. O mesmo ocorre na coluna *Também há inveja entre feministas – e temos que falar sobre isso*. Ao comentar sobre as relações abusivas entre mulheres, sobre as quais já tratamos, a autora também reforça o contexto de disputa que as envolve: “Precisamos falar dentro do nosso ciclo feminista sobre inveja, detonação e abuso”. Em uma reflexão sobre liberdade e opressão, da qual consta uma das frases mais repetidas de Beauvoir (erroneamente atribuída à obra *O Segundo Sexo*), “[...] o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos” (BEAUVOIR, 2005, p. 82), a autora observa, na continuação: “todo indivíduo pode exercer sua liberdade no interior de seu mundo: mas nem todos têm meios de recusar, ainda que através da dúvida

os valores, os tabus, as regras que os cercaram”. Observamos, assim, o quão cristalizados estão os estereótipos mencionados, já que nem mesmo as feministas, informadas e conscientes sobre essa questão, escapam de sua reprodução. As publicações da revista, entretanto, cumprem o papel de alertar-nos para o problema, concomitantemente ao chamado para a sua desnaturalização.

### Sororidade como estratégia feminista prática

Por fim, agrupamos nesta FD enunciados que mostram exemplos práticos de sororidade e que chamam à ação, o que ocorre com maior ou menor intensidade em quase todas as dez publicações, como nas quatro apresentadas no quadro abaixo.

**Quadro 3:** Publicações analisadas na FD Sororidade como estratégia feminista prática

TÍTULO	AUTOR/A	DATA
Elas, sim, entenderam o que é o Dia da Mulher – todo dia (reportagem)	Marjorie Rodrigues	07/03/16
#UmaMinaAjudaAOutra: Se nos unirmos neste Carnaval, assédio não vai ter vez (reportagem)	Amanda Negri	05/02/17
#UmaMinaAjudaAOutra: 9 ideias pra você mudar o Carnaval de outras mulheres <sup>31</sup>	Equipe AzMina	08/02/17
Por que criei um site para falar sobre a dificuldade de engravidar <sup>32</sup> (coluna)	Priscilla Portugal	05/04/18

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, a partir de AzMina

Na reportagem “Elas, sim, entenderam o que é o Dia da Mulher – todo dia”, assinada por Marjorie Rodrigues, no intertítulo “Somos todas mães do seu bebê”, são apresentados exemplos de como algumas mulheres se uniram para dar suporte a mães solo: “Hoje, Laura dedica todos os seus domingos a isso. [...] ‘Para algumas mulheres, fiz papinhas e comidas, mas outras eu ajudei dando carona para levar seus filhos doentes ou deficientes

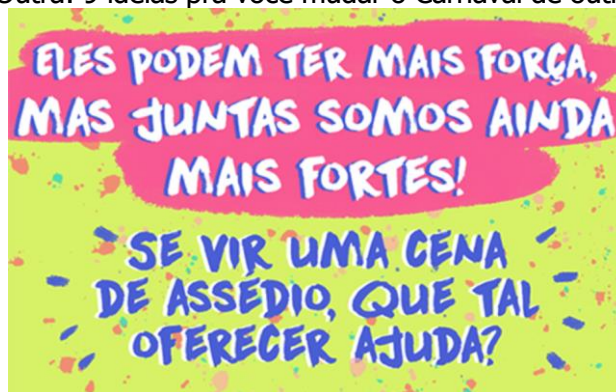
<sup>31</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/umaminaajudaaoutra-como-voce-pode-mudar-o-carnaval-de-outras-mulheres/>. Acesso em: 12 out. 2019.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/por-que-criei-um-site-para-falar-sobre-a-dificuldade-de-engravidar/>. Acesso em: 28 ago. 2018.

até o hospital'. Desde que saíram as primeiras matérias em portais sobre sua iniciativa, a demanda aumentou, mas o número de pessoas inspiradas por Laura também. 'Mulheres de todos os Estados se mobilizaram em prol das mães sozinhas' ". Na mesma reportagem, se apresenta o Pedalinas, um projeto que ensina mulheres adultas a andarem de bicicleta.

Em "#UmaMinaAjudaAOutra: Se nos unirmos neste Carnaval, assédio não vai ter vez" também são expostos vários momentos em que uma mulher interveio para ajudar outra. Relata-se o caso de uma advogada que age em prol de uma mulher agredida verbalmente por policiais. De outra que impediu que um homem agredisse a namorada, com o intertítulo "Eu meti a colher, sim!", desconstruindo a ideia de que "Em briga de homem e mulher, ninguém mete a colher". E ainda, dois casos em que outras mulheres intervieram para evitar que outra fosse assediada. A publicação "*#UmaMinaAjudaAOutra: 9 ideias pra você mudar o Carnaval de outras mulheres*" traz temas semelhantes, mas, apesar de estar na seção de reportagens, possui abordagem que parece mais uma campanha, com três parágrafos retomando problemas como assédio, violência, culpa etc., e uma espécie de banner ao final, com as dicas anunciadas no título. Nele, é apresentada uma situação-problema e logo abaixo a sugestão de ação (figura 1).

**Figura 1** – Trecho da imagem apresentada na publicação #UmaMinaAjudaAOutra: 9 ideias pra você mudar o Carnaval de outras mulheres



**Fonte:** Projeto fotográfico "Alegoria", de Juliane Albuquerque, reproduzida em *AzMina*



Do mesmo modo, a coluna *Por que criei um site para falar sobre a dificuldade de engravidar*, apresenta-se outro exemplo prático, em que o ato de compartilhar relatos pessoais sobre a dificuldade de engravidar acaba gerando uma rede de sororidade. São exemplos que mostram que a sororidade pode e deve ser vivenciada na prática, que impelem as leitoras a agir. Assim, *AzMina*, enquanto revista feminista, nas publicações analisadas, mostra-se também engajada na busca pela sororidade.

### Considerações finais

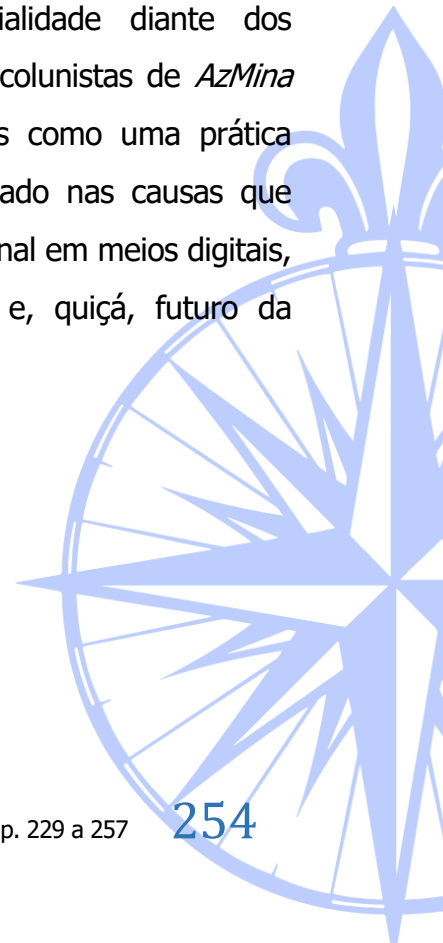
A análise das publicações da revista on-line *AzMina*, que traziam a sororidade como tema central, mostram que, mesmo em uma estrutura social violenta, reprodutora de estereótipos, é possível, sim, fazer emergir a sororidade. Essa é a resposta que encontramos ao questionamento que guiou este artigo: como um veículo assumidamente feminista tem apresentado o tema sororidade? Há sempre potencial para o novo, ainda que sobre os discursos atuem mecanismos de controle, como indica Foucault (1999). Segundo ele, se o discurso tem “algum poder, é de nós, e somente de nós, que lhe advém” (FOUCAULT, 1999, p. 7). Logo, o engajamento apresentado nas publicações do portal sobre a sororidade também atua no sentido de romper com a lógica que se opõe à possibilidade de uma aliança sólida entre mulheres.

A sororidade é apresentada de forma crítica e com profundidade, como pressupomos inicialmente. Interpretamos, a partir da AD, que este conceito é visto como estratégia de combate à estrutura social violenta, patriarcal (primeira FD), e também como estratégia de desnaturalização de estereótipos de inveja, rivalidade e falsidade entre mulheres (segunda FD). A revista rompe, assim, com as práticas discursivas que promovem a competitividade entre as mulheres, validando nossa segunda hipótese, e, ainda, contextualiza e opõe-se à estrutura que as divide. Por outro lado, os textos selecionados também podem ser considerados de caráter intimista, se

observarmos que, mesmo tratando-se de um veículo jornalístico, muitas das publicações apresentam relatos e depoimentos pessoais, aproximando-se das leitoras. Ademais, o que não previmos, é que os sentidos presentes nas publicações reforçam a ideia de que a sororidade deve ser construída na prática (terceira FD). De que o discurso deve ser acompanhado da ação. É somente a partir dela que os novos sentidos emergirão.

Sob o ponto de vista da prática discursiva jornalística, foi extremamente importante atentar-nos para o fato de que uma publicação on-line como a analisada, discute temas que são silenciados pela imprensa tradicional – em um movimento de apagamento de sentidos que permitem a continuidade das violências contra as mulheres. A equipe de *AzMina*, pelo contrário, pauta com insistência diversos tipos de práticas patriarcais; alerta para as suas consequências na vida das mulheres e, por fim, conclama as leitoras a unirem-se, em prol de uma outra sociedade, em que as diferenças não sejam mais tratadas com discriminação.

É oportuno observar, por fim, que a publicação não dá a menor importância para valores usuais que a imprensa tradicional afirma praticar, tais como a objetividade, neutralidade e imparcialidade diante dos acontecimentos. Muito pelo contrário, as jornalistas e colunistas de *AzMina* têm posicionamentos claros, assumem os feminismos como uma prática possível e desejável produzindo um jornalismo engajado nas causas que defende. São jornalistas reinventando a prática profissional em meios digitais, imprimindo uma outra perspectiva para o presente e, quiçá, futuro da profissão.



## Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (ABRAJI); GÊNERO E NÚMERO. **Mulheres no jornalismo brasileiro**, Brasil, 2017. Disponível em: [https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901\\_GN\\_relatorioV4.pdf](https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf). Acesso em: 27 jul. 2019.
- BEAUVOIR, Simone. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Imprensa feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- FALUDI, Susan. **Backlash: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FREIRE, Marcelo. Do armazém à Amazon: Uma proposta de tipologia das revistas digitais através dos gêneros jornalísticos. In: NATANSOHN, Graciela. (org.). **Jornalismo de revista em redes digitais**. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 29-58.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- HALL, Stuart. *et al.* A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 224-248.
- HOOKS, B. Sororidade: solidariedade política entre mulheres. Teoria Feminista: da margem ao centro. In: SILVEIRA, H. I. B. **Reflexão sobre questões de tradução da obra Feminist theory from marg into center, de Bell Hooks**. Dissertação (Mestrado em Tradução) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/36735>. Acesso em: 17 out. 2018.
- JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Pacto entre mujeressororidad**. Aportes para el Debate: México, 2006.
- LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

- MACHADO, Liliane Maria Macedo. **E a mídia criou a mulher:** como a TV e o cinema constroem o sistema de sexo/gênero. 2006. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3409?mode=full>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. Interdiscurso. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise de discurso.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 286-287.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso.** Campinas: Unicamp, 1997.
- MARTINS, Ana Luiza M.; LUCA, Tania Regina (org.). **História da imprensa no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. *E-book*.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais:** Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014. *E-book*.
- MENDONZA, Breny. **Coloniality of Gender and Power:** From Postcoloniality to Decoloniality. Oxônia: Oxford University Press, 2015. *E-book*. Disponível em: <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199328581.001.0001/oxfordhb9780199328581-e-6>. Acesso em: 9 out. 2019.
- NATANSOHN, Graciela *et al.* Revistas on-line: do papel às telinhas. In: NATANSOHN, Graciela (org.). **Jornalismo de revista em redes digitais.** Salvador: EDUFBA, 2013. p. 11-28.
- ONU. **Informação de referência:** mortes violentas de mulheres por razões de gênero (femicídio/feminicídio), [s./], 2013. Disponível em: <http://acnudh.org/wp-content/uploads/2013/12/informacao-de-refer%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 11 out. 2019.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discursos** – Princípios & Procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PIEIDADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo: Editora Nós, 2017.
- QUEIROZ, Nana. "AzMina não deveria ser necessária. Todo jornalismo deveria ser feminista", diz Nana Queiroz. [Entrevista concedida à] Vanessa Gonçalves. **Portal Imprensa,** 2016. Disponível em: [http://www.portalimprensa.com.br/mulheresqueinspiram/materia\\_26.asp](http://www.portalimprensa.com.br/mulheresqueinspiram/materia_26.asp). Acesso em: 20 jul. 2019.
- QUEIROZ, Nana. "Por que criei a Revista Azmina. E por que quero que ela não precise mais existir". **Portal Draft,** Brasil, 5 maio 2017. Disponível em: <https://projetodraft.com/por-que-criei-a-revista-feminista-azmina-e-por-que-quero-que-ela-nao-precise-mais-existir/>. Acesso em: 20 jul. 2019.
- SAFFIOTI, Heleieth. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. **Séries Estudos e Ensaios** – Ciências Sociais/FLACSO. Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO - Brasil, jun. 2009. Disponível em:

## A CONSTRUÇÃO DA SORORIDADE NOS DISCURSOS DA REVISTA AZMINA

[http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/Heleieth\\_Saffioti.pdf](http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/Heleieth_Saffioti.pdf). Acesso em: 7 ago. 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero:** Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. New York: Columbia University Press, 1989.

SILVA, Marcia Veiga. **Masculino, o gênero do jornalismo:** modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

